

preocupação, ou antes uma prevenção contra o género. Cartas, para êle, não foram literatura: foram pequenas falas, comunicação afectiva e rapidamente cálida, quando muito. Assim, o futuro leitor desse volume terá na sua frente um *écran* de lugares comuns da língua, debruando aqui e ali uma ou outra pérola de coração, uma goteleta de humanidade. Um livro que se agradece polidamente, sem crítica, a qual descoroçoia e é inútil; uma resposta consolatória à efusão do admirador, sincera mas vagamente desatenta; uma pergunta concreta sobre um prazo ou uma diligência a fazer: — trivialidade, *au jour le jour*, *currente calamo*, e sempre um abraço nivelador e impassível ante a possibilidade de gradações na sociedade e no mérito. Acomodado? Não. Obsesso; rigidamente atido ao mundo interior que nêle formilha e lhe torna vago o contôrno.

Era das pessoas mais cegas para o valor relativo e um convicto da vanidade de todo o discernimento de *aprêço*: o mais e o menos, o *modus in rebus*. Talvez houvesse nisto uma ponta de comodidade, mas sem propósito. Nascia do seu encantamento a ouvir a voz do búzio marulhante e genial, húmido do mar inordenado do seu espirito.

Porque Raúl Brandão foi essencialmente, ante a vida exterior, o homem que ouvia a cachoeira. À fôrça de fráguaem, as águas andavam-lhe ausentes: só o murmurinho interior espiralava no seu tímpano um sonido subtil, de penetrante apogiatura.

Sabido isto, é fácil explicar esse tratamento uniforme, tâbuarrazante, que as suas cartas levavam aos mais variados correspondentes. Na vida social foi um sonâmbulo cheio de ternas delicadezas, — um sonâmbulo que, em vez de tropeçar nos circunstantes, lhes apertava a mão com calor. Sôfrego de immortalidade, de perpetuidade pessoal e absolutamente intransmissível, amava tôdas as almas através da sua própria, onde existiam virtualmente desdobradas no Pita, no Gebo, nas Teles das Reles de Meireles, e até nas pedras, de que extraia ternura. ¿Admira pois que o seu convívio tivesse um quê de abstracto, um não-em razão das pessoas, e daí algo de aparentemente egótico, algo de pouco altruista?

Mas por onde me perco já! Ia precipitando acontecimentos críticos que exigem pausa, e exigem sobretudo uma documentação severa, feita linha por linha, onde não caiba um assêrto sem que se lhe siga prova implacável. Caíria de caminho no impressionismo de necrológio que já vitimou Junqueiro e ameaça arrazar todos os nossos vultos sob um cinzeiral de dispautérios. A terra com que em Portugal se cobrem os mortos é um cisco de retórica, não a húmida, barrenta e consoladora terra telúrica, que felizmente se faz leve na vala comum dos obscuros. Haveria que torcer a nossa epigrafia funerária até um *sit rethorica levis tibi* que não levasse sarcasmo, mas dó...

VITORINO NEMÉSIO



U M A C A R T A

Meu querido Câmara Reys

Necessitarei de lhe dizer que não é sem comoção que vou traçar estas linhas? ¿que, ao escrever-lhe esta carta, tenho presentes no meu espírito, como parte integrante dêle, a grata e calorosa recordação dum convívio para mim tão útil, os traços indeléveis duma lição constante de sacrifício, de elevação moral, de dignidade mental? Tudo isto vai implícito na minha vida interior de cada instante e se, até hoje, não dei provas públicas suficientes dos laços afectivos e espirituais que me ligam a êste grupo generoso da SEARA NOVA, é porque entendo que os leitores não têm que ser chamados a apreciar os motivos íntimos das nossas condutas, cuja explicação é do domínio das me-

mórias e das biografias. Mas não posso escrever-lhe esta carta, sem estabelecer a premissa da minha estima, da minha admiração e do reconhecimento que devo aos homens da SEARA NOVA. Por divergentes que pareçam e se tornem as nossas opiniões, após uma longa e obscura fermentação interior de alguns anos, — nenhum dos pensamentos que torturadamente exprimo aqui pode encerrar uma quebra da consideração que sob todos os pontos de vista lhes tributo. E dada esta explicação, pessoal mas necessária, entro no assunto.

Aqueles dos meus amigos a quem mais frequentemente eu tenho comunicado, há alguns anos, uma certa parte dos meus pensamentos, conhecem a direcção, cada dia mais nítida e pronunciada,

das minhas opiniões. Para êles e para quem tenha sabido ler nos meus artigos, não é novidade a evolução, ou melhor, a *definição* que se vinha operando no meu espírito, e que não pode ter escapado aos nossos três amigos de Paris. Entre êles, particularmente Jaime Cortesão e António Sérgio (aquele já por ocasião da sua vinda a Bruxelas, onde passámos juntos tôdas as horas que as minhas ocupações me deixavam livres) estavam ao corrente da direcção, agora bem definida, das minhas ideas. De facto, ao passar por Paris de regresso a Portugal, em Agosto do ano corrente, tive ocasião de exprimir àqueles meus dois Amigos a parte dos meus pensamentos em que se cifra a divergência fundamental dos nossos pontos de vista em democracia. De resto, não há muito que um outro director da SEARA mostrou particularmente achar-se ao corrente do meu modo de ver... Já nesse momento trazia esboçada a série dos meus artigos «Sôbre os fins e a coragem nos meios de actuar», e foi por falta de tempo e por me encontrar doente, que não lhes expus em pormenor a minha discordância em relação ao artigo de Castelo Branco Chaves. Lastimei que o estado de saúde de Raúl Proença o tivesse forçado a ausentar-se de Paris, impedindo-me de me avistar com êle: talvez que, já então, se houvesse fixado discretamente e resolutamente a minha posição, e que tivéssemos poupado aos nossos leitores o espectáculo, quanto a mim prematuro, pôsto que humano, duma divergência que vai do critério dos métodos aos próprios princípios, e que terá de ser exposta duma forma insuficiente. Estimaria, pois, e por motivos bem compreensíveis, não ter provocado nesta altura a nota correctiva, embora tão serena e amigável, daqueles meus queridos Amigos. Mas, perante o facto, assumo com inteira serenidade a atitude que me convém.

A verdade é que se, por um lado, dada a minha solidariedade republicana com aqueles meus três Amigos, o meu silêncio podia parecer estranho a muitos, e me era insuportável a ponto de o julgar um crime contra a minha consciência e os meus deveres sociais, — por outro, admitira ingenuamente que a expressão moderada, puramente doutrinária e crítica dos meus pensamentos (susceptíveis de ulterior desenvolvimento e definição em lugar próprio) em nada ofenderia a harmonia reinante no seio da SEARA NOVA graças às operações de acôrdo que a elasticidade dos princípios consente. Até um certo ponto, emfim, a SEARA NOVA parecia-me uma tribuna de discussão, tão livre quanto possível, dos princípios e métodos democráticos. Aliás, julguei sempre os leitores desta revista aptos e preparados a assimilar o conteúdo duma controvérsia, dum artigo, sem que fôsse preciso recorrer a métodos didácticos pri-

mários ou a notas explicativas. A clareza, meu querido Amigo, não deve estar só no escritor, mas também no espírito do leitor. É preciso que êste aprenda a penetrar pelo seu esforço próprio o sentido dum ensaio, escrito infelizmente muitas vezes sob a acção de forças muito imperiosas, que são uma escola de subtilidade, sem esperar que lhe metam a papa na bôca, sob a forma de teoremas de geometria ou de regras de sintaxe... A arte de pensar, Amigo, como tôdas as artes, ensina-se *fazendo pensar*, e não fazendo ingerir pensamentos perfeitos, acabados como jóias... As ideas não são claras só porque e quando as exprimimos claras, mas quando são claramente compreendidas e assimiladas pelo leitor; doutro modo (isto é, se o não julgamos capaz de tanto, após uma longa lição de alguns anos de doutrina e crítica), que conceito acanhado, restritivo, faríamos da sua intelligência (*)?

É sempre, julgo eu, mais produtivo sugerir, provocar, excitar os pensamentos, do que depositá-los feitos na consciência do leitor. Não lhe parece que a leitura, para ser fértil, deve mobilizar todos os recursos e forças de compreensão do leitor, em vez de fazer dêle um receptor passivo de pensamentos, de argumentos, de ideas feitas? A nobreza do pensamento está na angústia, na indagação, na crítica íntima, que a leitura deve provocar. O leitor não pode ser um companheiro passivo que vai de braço dado com o escritor ouvindo a sua lição; deve ser, ao contrário, um colaborador, uma caixa de ressonância, de amplificação dos pensamentos do escritor, um instrumento vivo de actividade mental. A clareza e a simpleza excessiva dum ensaio paralizam, adormentam o leitor, reduzem a sua actividade mental, convidam-no ao comodismo, ao passivismo intelectual... Mas isto são considerações parasitárias à volta da idea, expressa na *Nota*, do perigo de «uma radical incompreensão» das ideas do grupo por parte dos leitores. Por mim, creio que nove anos de luta continuada, de lição constante, deviam ter criado no espírito daqueles nossos amigos um pouco mais de confiança na intelligência dos leitores... A menos que êles partam da premissa da impermeabilidade mental dêstes, ou que nos seus próprios espíritos não reine a crença na eficácia dos seus métodos doutrinários, o que seria lamentável para todos nós, — não vejo onde esteja o perigo duma incompreensão radical. Suponho que ninguém pensará em me atribuir a intenção de iludir a boa-fé dos leito-

(*) É claro que, entre isto e o obscurismo sistemático e verbal dum Leonardo Coimbra, vai uma grande distância. Não se trata de profetismo, de simbolismo, de apocaliptismo, que supõem no leitor um estado de transe, de hiperpsiquismo, de iluminação, mas de um esforço puro e simples de actividade interpretadora.

res, dando-lhes gato por lebre... A verdade, meu Amigo, é que sou eu afinal quem deposita mais confiança na consciência ou inteligência dos leitores da SEARA, por julgá-la acessível—mesmo às ideias obscuras...

A alguns amigos de Lisboa transmiti as minhas apreensões sobre o efeito que produziriam aqueles meus artigos de comentário ao artigo de C. B. Chaves; sabem esses meus Amigos (Câmara Reys, David Ferreira, Manuel Mendes, Mário de Castro e outros,) a que tratos dolorosos eu tinha de submeter certas ideias para poder exprimi-las sem ferir susceptibilidades, sem abusar da hospitalidade da revista, e sem ter de sujeitar-me a forçadas restrições. Para esses meus Amigos era, pois, familiar o meu receio relativo à estranheza que os meus pontos de vista e a forma torturada, talvez obscura e difusa de os exprimir, poderiam provocar nos directores e leitores da revista. Nunca, porém, confundi *estranheza* com errada interpretação ou confusão. Não se imagine pois que usei de artifício para deixar aos directores da revista a iniciativa de marcar uma divergência que leva, necessariamente, à minha saída do grupo SEARA NOVA. Assumo a inteira responsabilidade pessoal deste facto, sem mesmo aceitar, como adiante direi, a paternal indicação que me é feita naquela passagem da *Nota* em que se me atribui um «lapso de atenção». Tornou-se uso, entre alguns discípulos e colaboradores da revista, e a meu ver muito mau uso, o falar dos problemas de consciência, das torturas, crises e batalhas interiores que estão na raiz do pensamento, a título de justificação ou de explicação das condutas e das doutrinas, como se o leitor devesse ser, além de leitor, um confidente do escritor, e penetrar, como tal, no domínio dos seus problemas subjectivos. Entendo que isso constitui um vício da nossa literatura política e social, proveniente dos acanhados horizontes literários nacionais, que sufocam as livres expansões do espírito criador, impedindo que o homem de ideias dispa de tempos a tempos a toga tribunícia ou desça da cátedra magistral para se abandonar às doces ocupações estéticas. Uma vez por falta de talento artístico (que não tem que ver com a arte de bem escrever—pode-se escrever muito bem, pensando mal ou na mais absoluta ausência do sentido estético), mas quasi sempre por falta de público literário adequado, os jovens escritores são forçados a fundir nos seus ensaios a doutrina, a dialética, com os vãos subjectivos e líricos, do seu pensamento. Parece-me isso errado—na medida em que as confissões pertencem ao domínio das memórias, autobiografias e da correspondência epistolar. Em certos casos, os temas doutrinários e sociais são

susceptíveis de uma modelação vantajosamente literária e uma tintura de subjectivismo torna-os mais acessíveis a um público comodista. Mas dá a considerar necessária a intervenção dos nossos problemas pessoais de consciência num debate de ideias, vai um abismo. Esta ideia determinou-me a procurar expor o mais impessoalmente possível determinados pensamentos, sem fazer a sua, ou minha história, que, repito, não deve ter nenhum interesse para o leitor. Parece-me que isso não foi visto em toda a extensão pelos signatários da *Nota*, os quais julgaram perceber, através do meu silêncio subjectivo (isto é, na ausência de considerações subjectivas) uma angústia de discípulo desorientado, prestes a mergulhar numa heresia inconsciente, e quiseram estender-me a tábua generosa de salvação, a passagem de regresso ao lar. Isso só os engrandece moralmente no meu conceito. Simplesmente nos meus artigos, nem sequer a medo se traçava o diário duma consciência em luta... O escritor está decerto presente em tudo o que escreve (refiro-me em particular ao escritor de ideias, ao doutrinário, ao panfletário); mas não deve nunca atravessar-se com a sua crítica interior, a sua auto-perseguição, no caminho que vai dos seus pensamentos à inteligência do leitor. Dar ao leitor o fruto das vitórias da razão, ou o próprio movimento de formação das ideias, sem dar as batalhas da personalidade em luta; ser, em suma, objectivo o mais subjectivamente possível, isto é, com o máximo esforço da sua personalidade... Naqueles meus artigos, nem mesmo implícito se encontrava um grito de angústia subjectiva. Não houve em mim as torturas da heresia, nem a febre do discípulo que martiriza as ideias para as pôr de acordo com a sua personalidade.

Este é para mim o ponto essencial e procurei esclarecê-lo imediatamente. A verdade é que, embora suficientemente informados da direcção das minhas ideias, pela transparência dos meus artigos e pelas conversas a que acima faço referência, os directores da SEARA NOVA quiseram admitir que era em nome da *sua* ideologia que eu comentava desfavoravelmente o artigo de C. B. Chaves, e (como corolário lógico) que eu precisava de ser paternalmente admoestado sobre o meu «erro de doutrina», atribuído assim benévola e a um «lapso de atenção». É certo que estes lapsos de atenção caracterizam a debilidade mental, a imbecilidade, a estupidez... Mas em todo o caso essa era a única fórmula que me permitiria abjurar publicamente do meu erro para me reconformar com as doutrinas da SEARA. Isto força-me a declarar penosamente que, desde o primeiro momento, eu vi no artigo de C. B. Chaves o pensamento político e social da SEARA.

NOVA em acção; é êle, Castelo Branco Chaves, que leva às suas legítimas e, quanto a mim, perigosas conseqüências, na crítica, na doutrina, na formação da consciência democrática, a atitude espiritual da SEARA NOVA. Sou eu, com efeito, o transviado, — também o sei há muito. Êle é o ortodoxo, eu o herético ou renegado. Não pretendi fazer-me passar por seareiro ferveroso e fiel: pelo contrário, exprimi bem conscientemente certos pontos de vista pessoais; mas achei desnecessário acentuá-lo, do mesmo modo que, com uma grande nobreza de inteligência e de maneira literária, o sr. Castelo Brasco Chaves nunca veio às colunas da SEARA NOVA bater sonoramente a mão no peito e proclamar a sua fidelidade ao espírito do grupo.

¿Que quis com os meus artigos?—marcar o sentido em que, a meu ver, deve encaminhar-se a acção política e social dos intelectuais democratas do nosso tempo, por opposição, em grande parte, aos métodos da grande geração (cuja liquidação social apreciei resumidamente), e aos da SEARA NOVA no presente. Definir uma divergência fundamental antes de, chegado o momento oportuno, me destacar do grupo SEARA NOVA e ir ao encontro do que considero a missão essencial do nosso tempo, — o trabalho duro da realização da democracia socialista pelo próprio povo... Acentuar que o pensamento se transformou num instrumento de acção e que não temos hoje o direito de separar a idea do método, da técnica que a completa, que a realiza, enfim; que, sem recurso a determinados meios, certos fins ideológicos não passarão jamais do domínio da literatura; que os intelectuais têm o dever de passar das afirmações doutrinárias à acção, dos métodos expositivos, da controvérsia lógica, para a dialéctica da organização e para a própria organização; das camarilhas, tertúlias e academias para a atmosfera acre e fértil das massas populares. Por muitos motivos não tenho que entrar aqui em desenvolvimentos. Acrescentarei que julgo necessário que os intelectuais se deixem penetrar dum espírito novo, duma disciplina social (que nada tem que ver com as disciplinas formais), duma intenção de servir que não exclui uma grande liberdade mental, uma vasta e útil acção crítica, e um profundo sentimento humano de justiça social; que êles não tomem por obra da inteligência apenas as palavras nobremente alinhadas sobre o papel, uma vez que o conceito psicológico de inteligência se alargou a tôdas as formas da actividade humana; que êles tenham, enfim, a coragem de reconhecer que os ideais, as doutrinas, as teorias sociais não podem ser um refúgio da inteligência em conflito com as realidades, mas um poderoso instrumento de acção sobre as mesmas. Longe de mim a idea de tentar aqui a expressão definitiva e completa de quaisquer

pensamentos; não faço mais do que indicar resumidamente às pessoas bem intencionadas o sentido em que o meu espírito trabalha. Passarei portanto sobre tôdas as críticas da forma. De resto, até de certos leitores menos assíduos da revista recebi o testemunho de que a essência dos meus pensamentos e a sua contradição com as directrizes da SEARA NOVA haviam sido apreendidas.

Nunca foi minha intenção, portanto, fazer, sob a responsabilidade da SEARA NOVA, a propaganda de quaisquer princípios, nem criar adeptos para qualquer doutrina, embora alguns amigos me houvessem saúdado por alguns modos de ver expressos nesta revista. Quis sim reflectir e chamar à reflexão sobre certos aspectos das doutrinas democráticas quem a tal estivesse disposto.

Uma vez, pelo menos, fui convidado a assumir, com o Mário de Castro, um lugar de direcção da revista. Êste convite tinha por fim patentear à gente nova que acompanha a SEARA, o interesse que lhe votam e a esperança que nela fundam os directores do grupo. Recusei, à parte outras razões, precisamente por perceber a orientação particular das minhas ideas e a necessidade de guardar perante o grupo uma relativa liberdade de movimentos. Não teria talvez então podido exprimir claramente essa orientação e a sua meta; mas quis escrupulosamente evitar que uma divergência futura, no seio mesmo da direcção, acarretasse prejuizos morais a um grupo moralmente unido. (*) Entrei obscuramente na SEARA NOVA e desejaria poder sair num silêncio modesto, sem profissões de fé aparatosas, sem punhadas no peito, sem testemunhos cheios de expressões desgarradoras...

Ficaram agora os leitores da SEARA NOVA bem claramente instruídos sobre o nosso dissentimento. A solidariedade mais do que justa que a revista deve a Castelo Branco Chaves, põe-me na obrigação de apressar a minha partida, evitando a continuação do mal-entendido. Já não pedirei por isso à SEARA NOVA a hospitalidade para o meu terceiro e último artigo da série; seria desairoso, não lhe parece? continuar a chamar ao meu herético altar os fieis dum outro culto...

Disponha desta carta para os fins que entender e creia-me seu admirador e amigo muito grato

Bruxelas, 18 de Novembro de 1930.

JOSÉ MIGUÉIS

(*) A unidade moral do grupo *Seara Nova* não me inibe de apreender as *nuances* do pensamento e as profundas diferenças de forma dos homens que o compõem; assim, certas observações que me permito fazer nesta carta, não compreendem necessariamente o grupo, mas certos aspectos individuais da sua actividade. É muito cedo para uma apreciação global e individual dos homens da *Seara Nova*.